

**CEDI**

## **Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Comunicado do Eto de Class.: 610

Data: 05/02/84 Pg.: \_\_\_\_\_

### **Delegado da Funai 190 pode ser demitido**

*A demissão do delegado regional da FUNAI, Carlos Amaury Motta, poderá ser o desdobramento principal da visita que o presidente da Fundação Nacional do Índio está fazendo ao Estado. Ele está em Dourados reunido com líderes indígenas que, estiveram em Brasília, com o ministro Mário Andreazza,*

*do Interior, quando, entre outras reivindicações, pediram a troca do titular da FUNAI no Mato Grosso do Sul. Mas além dos índios, também técnicos da fundação, de Brasília, que realizaram trabalho no MS, reclamaram do tratamento dispendido pela regional e do posicionamento de Amaury Motta. Página 5.*

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Conceito de Estado Class.: 615(cont.)

Data: 05/02/84 Pg.: \_\_\_\_\_

# Presidente da Funai veio ver os problemas no MS

A demissão do delegado regional da Funai em Mato Grosso do Sul, Carlos Amaury, pode ser o principal desdobramento da visita que o presidente da Fundação Nacional do Índio, Otávio Ferreira de Lima, iniciou ontem a Dourados, onde permanecerá até amanhã à tarde ouvindo pessoalmente as lideranças indígenas de todo o Estado, em especial os capitães e vice-capitães da Missão Caiuá, pois o litígio envolvendo os grupos tribais assentados nesta área, causou além de agressões, uma tentativa de homicídio e uma morte.

A decisão de afastar o atual delegado, não foi admitida por Otávio Ferreira de Lima, que ontem esteve em Campo Grande por 15 minutos, o tempo apenas de reabastecimento do avião que o trouxe de Brasília. Entretanto, as queixas contra a atuação de Carlos Amaury não se restringem apenas aos líderes indígenas, foram encampadas por funcionários da Funai no Distrito Federal, que estiveram na área analisando a situação e colhendo subsídios para elaborar um relatório e cujo trabalho foi enormemente dificultado pela direção regional do órgão.

Foram estas queixas e as críticas levadas ao ministro do Interior Mário Andreazza, em Brasília (no dia do lançamento de sua candidatura à Presidência), por lideranças de todas as reservas, é que determinaram a vinda do presidente da Funai para ele próprio sentir "in loco" o problema e ouvir os interessados (os capitães e vice-capitães, representantes de cada comunidade), excluindo qualquer interferência externa, até mesmo do próprio delega-

do regional, que sequer participa da comitiva que está em Dourados, na qual além do presidente, Otávio Ferreira de Lima, estão antropólogos, sociólogos, técnicos que compuseram a comissão formada para analisar os problemas da Missão Caiuá.

Somente após sentir e ouvir dos próprios líderes as diferenças e dificuldades que impedem o entendimento entre as várias correntes, é que o presidente da Funai se manifestará publicamente sobre o assunto. Não quis comentar as informações de que as divergências na Missão Caiuá em Dourados, são motivadas por interferências políticas ou religiosas, se resguardando de qualquer análise "antes destas reuniões", assinalou.

Quanto ao encaminhamento das investigações em torno da morte do líder indígena Marçal de Souza, Ferreira de Lima diz que "o processo ainda se encontra na esfera policial", sendo precipitado no seu entender, qualquer julgamento atribuindo o crime a razões passionais ou em decorrência de litígio de terra. "Nós acionamos a procuradoria jurídica da Funai, que designou um advogado para acompanhar o andamento do processo", informou.

Sobre a delimitação da Aldeia Piracua, onde estão assentados tribos guaranis, cujo litígio na definição dos limites com a Fazenda Serra Braba (pertencente a Astúrio Monteiro) teria sido uma das razões que acabaram determinando o assassinato de Marçal de Souza (que estava empenhado numa decisão favorável aos índios), o presidente da Funai disse que é intenção do órgão liberar

recursos junto ao Ministério do Interior, para executar a delimitação definitiva de todas as reservas, bem como proceder reavaliação das áreas onde há divergências.

### BODOQUENA

Em relação a questão que envolve a reserva dos kadiwéus em Bodoquena, o presidente da Funai diz que se está buscando uma solução o menos traumática, para evitar a adoção de medidas drásticas e com consequências sociais sérias. A delimitação da área destinada a reserva (em torno de 500 mil hectares) é definitiva, mas a transferência das famílias de arrendatários assentados no local, será feita gradativamente, através de uma ação integrada envolvendo o Incra e o Ministério para Assuntos Fundiários.

"São 400 famílias - informa - que não podem ser retiradas de uma vez", sendo necessário um trabalho de reassentamento em outras áreas mas para isto é preciso recursos pois "para onde forem levados será necessário infra-estrutura". Segundo o presidente da Funai aquelas famílias cujos contratos estiveram vencendo e tiveram desocupados as áreas onde se instalaram, serão removidos e a terra entregue aos índios para exploração econômica, com pecuária e agricultura.

Fazendo uma análise da atuação do órgão que dirige, em Mato Grosso do Sul, Ferreira de Lima admitiu que é preciso melhorar o trabalho especialmente aperfeiçoando o atendimento de saúde prestado a comunidade indígena. Por enquanto não há condições financeiras para a constru-

ção de uma sede própria para abrigar a "Casa do Índio", pois "estamos convivendo com escassez de recursos e toda a verba disponível, é canalizada para o trabalho mais imediato".

### MARCOS TERENA

Já o líder indígena Marcos Terena, que veio acompanhando o presidente da Funai (ele é piloto da empresa), disse que boa parte dos problemas verificados na reserva de Dourados decorrem de interferências políticas e religiosas. Segundo ele, com o crescente processo de aculturação, cujos vestígios mais claros são a participação do índio na política e exercitando a religiosidade com base nos parâmetros da sociedade, há uma natural tendência para o aparecimento de divergências.

"Lá há pessoas católicas, boa parte professa o protestantismo" e com isto, de acordo com Marcos Terena, surgem os conflitos e a ingerência externa acaba contribuindo para estabelecer um clima de disputa e falta de entendimento. Ele acredita que em Dourados essas diferenças se agravaram ainda mais, porque falta a direção regional da Funai, habilidade suficiente para conduzir sem "crispações" essas crises.

"Hoje há um distanciamento entre o delegado e as lideranças indígenas", afirma Marcos Terena, dizendo que foi esta falta de entrosamento a principal razão para ida de uma comitiva ao ministro Andreazza, quando solicitaram a vinda do presidente da Funai ao Estado e a substituição do atual delegado.

## Lideranças indígenas reúnem-se

Do Correspondente em DOURADOS

Cerca de 70 lideranças indígenas de todas as reservas do Mato Grosso do Sul estarão reunidas hoje em Dourados, com o presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, para discutirem os principais problemas que estas comunidades enfrentam atualmente, em especial as invasões de terras e assistência social. No encontro plenário deste sábado, Otávio Ferreira pretende ainda ouvir as reclamações dos índios do Estado e tomar conhecimentos de convênios feitos com órgãos estaduais.

Ontem, o presidente da Funai esteve durante toda a manhã com representantes Terena, Caiuá e Guarani da reserva local para "conciliar e apaziguar os ânimos" diante do processo de violência que se registra por causa da escolha do novo "capitão" da Reserva de Dourados, o que já causou vários feridos e uma morte desde agosto do ano passado. A reunião, realizada na sede da Embrapa, a seis quilômetros do centro da cidade, foi fechada, não sendo permitido o acesso da imprensa.

Além dos representantes das tribos, estiveram debatendo o caso das eleições para o Conselho Indígena o presidente da Funai, o diretor de Assistência ao Índio desta fundação, Carlos Roberto Grossi e as lideranças representativas da Reserva, Ramão Machado, Airton de Souza, Ireno Isnard, Carlito Caiuá, Fernando Jorge e Lídio Assis.

Já no encontro de hoje, Otávio Ferreira irá verificar também o andamento de convênios firmados com as secretarias Estadual de Agricultura, Educação de Saúde, e que visam atender as comunidades indígenas com assistência técnica agrícola, ensino básico e ações de saúde, como o atendimento ambulatorial.